

# RACISMO NA ESCOLA

PROTOCOLO DE ATUAÇÃO E COMBATE



Observatório  
Permanente dos  
Preconceitos em  
Escolas de  
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO



**SERGIPE**  
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe

## **Produção**

Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES)

## **Apoio**

Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED)  
Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESE)

## **Organização**

Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)  
Flávia Vieira Santos (UFS)  
Dalila Xavier de França (UFS)  
Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)

## **Comissão de Elaboração**

Dalila Xavier de França (UFS)  
Marcus Eugênio Oliveira Lima (UFS)  
Ueliton Santos Moreira Primo (UFS)  
Flávia Vieira Santos (UFS)  
Barbara Santana Ribeiro (UFS)  
Joana dos Santos (UFS)  
Juliana de Oliveira Brandão (UFS)  
Kathllen Kendra Rocha (UFS)  
Grasiela Santana Costa (UFS)

## **Comissão de Revisão**

Patrícia Modesto Matos (UFS)  
Israel Jairo Santos (UFS)

## **Revisão textual**

Luciana Mariz

## **Fotografia da Capa**

Marcelo Camargo (Agência Brasil)

## **Ilustrações**

Pat Garvida

Fábio Cruz Mitidieri  
**GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE**

José Macedo Sobral  
**VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE**  
**/ SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

Francisco Marcel Freire Resende  
**SECRETÁRIO EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

José Edson Costa dos Santos  
**SUPERINTENDENTE EXECUTIVO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

Eliane Passos Santana  
**DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE APOIO AO SISTEMA EDUCACIONAL-DASE**

Adriane Álvaro Damascena  
**CHEFE DO SERVIÇO DE PROJETOS ESCOLARES PARA OS DIREITOS HUMANOS**

Pedro de Santana Santos  
**COORDENADOR DO PROGRAMA ACOLHER**

#### **DIRETORIAS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO**

DRE 1 – Franz Russeberg da Silva Santos  
DRE 2 – Daniela Santos da Silva  
DRE 3 – Gadston dos Santos  
DRE 4 – Handresha da Rocha Santos  
DRE 5 – Elaine Silva Tomé  
DRE 6 – Max Cardoso Silva  
DRE 7 – Maria das Graças Albuquerque Melo  
DRE 8 – Marleide Cruz de Araújo  
DRE 9 – Antônio José de Santana  
DEA – Gilvânia Guimarães dos Santos

#### **EQUIPE TÉCNICA DO PROGRAMA ACOLHER**

Ana Mércia Dantas da Silva Santana  
Andressa Lílian Rodrigues de Oliveira  
Elaine Araújo Canuto  
Karinne Nascimento Silva  
Lorena Maria Borges Silva  
Marcus Vinícius Oliveira Santos  
Nayane de Jesus Oliveira Silva Santos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Racismo na escola [livro eletrônico] : protocolo de atuação e combate / organização Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES). -- São Cristóvão, SE : Ed. dos Autores, 2025.  
PDF

Vários autores.  
Vários colaboradores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-01-40859-0

1. Antirracismo 2. Preconceitos - Aspectos sociais  
3. Racismo - Aspectos sociais 4. Relações étnico-raciais I. Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES).

25-263315

CDD-379.260981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Desigualdade : Relações étnico-raciais :  
Escolas : Políticas públicas 379.260981

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

# Apresentação

A cooperação entre a Universidade Federal de Sergipe e a Secretaria de Estado da Educação (SEED) é de fundamental importância para subsidiar e compreender as políticas públicas, a partir de dados oriundos das pesquisas acadêmicas. O material pedagógico apresentado a seguir, sob a forma de 7 (sete) protocolos que concernem às principais modalidades de violências e violações praticadas e percebidas na comunidade escolar – racismo, sexismo, LGBTfobia, classismo, intolerância religiosa; capacitismo; bullying e cyberbullying; – são o produto de uma rigorosa pesquisa fruto do Observatório das Violências e Conflitos Sociais na Rede Estadual de Ensino de Sergipe: Ações de Prevenção e Controle (UFS), a partir do diagnóstico da incidência dessas violências e violações em uma amostra representativa dos estudantes em 10 (dez) escolas circunscritas nas Diretorias Regionais de Educação do Estado de Sergipe.

Os protocolos apresentados servirão de embasamento técnico para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências nas 10 (dez) unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Sergipe, orientando os profissionais que acompanharão os estudantes nas ações de prevenção e enfrentamento a essas modalidades de violência.

Cabe destacar que a SEED, por meio da Portaria nº 3625/2020, implementou a política de Promoção de Paz nas Unidades Escolares, considerando o crescente e notório aumento dos índices de violência no ambiente escolar, a necessidade da promoção de um espaço de acolhimento e cuidados, da difusão de práticas que estimulem a sensação de pertença dos estudantes, e do estímulo contínuo ao desenvolvimento integral de suas potencialidades.

Dentre as diretrizes da mencionada Portaria destaca-se a importância do estabelecimento de parcerias entre a escola e as Instituições de Ensino Superior (IES), para ações de colaboração na formulação de estratégias que visam a implementação da política da paz, observadas as diretrizes da SEED. Assim, compreende-se que as estratégias de intervenção indicadas nos protocolos elaborados pela equipe do Observatório deverão contribuir para a melhoria do clima escolar, na perspectiva da promoção da cultura de paz e não violência.

Ademais, o convênio celebrado entre os Departamentos de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a SEED buscará expandir o escopo das ações de formação continuada da equipe técnica que compõe o Programa de Acolhimento Psicossocial nas Escolas Estaduais de Sergipe (Programa Acolher) e demais profissionais da escola pública, bem como atingir um maior número de unidades escolares, além daquelas que foram inicialmente designadas como escolas-piloto para a implementação dos núcleos do Observatório das Violências e Conflitos Sociais.

Programa Acolher  
Secretaria de Estado da Educação

# Sumário

1	Introdução .....	5
2	O que é racismo? .....	7
3	Quais as principais formas de expressão do racismo? .....	10
4	Como o racismo é reproduzido na escola? .....	12
5	Quais os impactos do racismo? .....	15
6	A função da escola no combate ao racismo .....	17
7	O papel do(a) professor .....	19
8	O papel da gestão escolar .....	21
9	O papel da família .....	23
10	O papel da psicologia escolar .....	25
11	Uma situação de racismo ocorreu na minha escola. .... Como posso lidar com isso?	27
12	Como combater o racismo na escola: intervenções e indicações de materiais .....	31
13	Canais de denúncia .....	39
14	Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola .....	40
15	Referências .....	42

# 1. Introdução

→ A diversidade étnico-racial nas escolas é reflexo da pluralidade que compõe a diversidade humana e das características presentes na formação da sociedade brasileira. Nas salas de aula, encontram-se crianças e jovens de diferentes origens étnico-raciais, com histórias que têm influência da forma como o Brasil se estabeleceu enquanto sociedade.

→ Reconhecer e respeitar essa diversidade é essencial para criar um ambiente educativo inclusivo, no qual todos os estudantes, independentemente de sua identidade étnico-racial, sintam-se seguros, apoiados e valorizados. Promover a aceitação e o respeito pela diversidade nas escolas não apenas enriquece o aprendizado e a convivência, mas também prepara os estudantes para viver e interagir em uma sociedade plural e igualitária. Essa diversidade apresenta desafios e oportunidades para a construção de uma convivência mais respeitosa.

→ Este protocolo foi desenvolvido no âmbito do Observatório Permanente dos Preconceitos nas Escolas de Sergipe (OPPES) e surge da urgente necessidade de enfrentar e combater o racismo nos ambientes escolares. O racismo é um problema social que fere os direitos humanos e exige um esforço conjunto de toda a comunidade escolar e da sociedade para o seu enfrentamento. Este material visa proporcionar uma maior compreensão sobre o tema, bem como fornece estratégias práticas para combater o racismo na escola e criar espaços de valorização das diversas identidades étnico-raciais presentes na sociedade.





Neste material, apresentamos o conceito de racismo, suas principais formas de expressão na sociedade e no ambiente escolar, bem como os impactos desse fenômeno na saúde mental e na aprendizagem escolar dos estudantes, destacando a urgente necessidade de intervenção. O combate ao racismo exige compromisso, conhecimento e ação conjunta de toda a escola.

Por isso, neste protocolo são apresentados os papéis dos atores escolares para a criação de um ambiente seguro para pessoas de todas as identidades étnicas e raciais. Além disso, apresentamos políticas e práticas que podem ser implementadas pelos profissionais da comunidade escolar para promover o respeito e a valorização da diversidade étnico-racial, bem como discutimos maneiras pelas quais os pais e os responsáveis podem colaborar com a escola para garantir um ambiente seguro e respeitoso para todos os estudantes.



**Desejamos uma  
excelente leitura e um  
bom aproveitamento  
deste material!**

## 2. O que é racismo?

O **racismo** é um problema que persiste ao longo da história da humanidade. Ele se adapta e se transforma conforme mudam as normas sociais e políticas. Desde as práticas escravistas e coloniais até as formas modernas de discriminação institucional e cultural, o racismo **continua a influenciar profundamente as dinâmicas sociais e as relações intergrupais**.

No Brasil, o racismo tem **raízes na escravização da população negra**, no início do período colonial, por volta de 1500, com a chegada dos portugueses. Inicialmente, os indígenas foram explorados como mão de obra escrava, mas rapidamente foram substituídos por africanos provenientes do tráfico negreiro transatlântico, que foram sequestrados e trazidos para o Brasil para trabalhar nas plantações de açúcar, café, na mineração e em outras atividades econômicas.

Durante 388 anos, a escravidão foi uma norma na sociedade brasileira, moldando relações de poder e produzindo sofrimento, desigualdade e hierarquias sociais. A **Lei Áurea**, assinada em 13 de maio de 1888, aboliu a escravidão no Brasil, mas não foi acompanhada por políticas de reparação e inclusão social e econômica para os ex-escravizados. Sem acesso à terra, à educação ou a oportunidades de emprego, **pessoas negras continuaram a viver em condições de extrema pobreza e marginalização** (1).



Após a abolição, foram conduzidas **políticas de branqueamento**, que incentivaram a imigração europeia para "diluir" a população negra, e práticas sociais e econômicas, que perpetuaram a discriminação racial. Assim, o racismo no Brasil é histórico e se configura como estrutural e sistêmico, enraizado nas instituições sociais, políticas e econômicas. Ele **se manifesta de várias maneiras**, incluindo discriminação no mercado de trabalho, desigualdade educacional, violência policial desproporcional contra pessoas negras e representação inadequada nos meios de comunicação e em posições de poder (1).

O racismo é um sistema que promove hierarquias, exclusões e discriminações com base em características físicas externas, sejam elas reais ou imaginárias. Essas características são frequentemente reinterpretadas como indicadores de traços culturais. Por exemplo, a pele negra, uma característica física, pode ser associada a estereótipos negativos, como a ideia de preguiça, agressividade ou violência (2).

Desde o final do século XIX, movimentos sociais têm lutado pelos direitos civis e contra o racismo no Brasil. O Movimento Negro tem sido fundamental na promoção da consciência racial e na luta por políticas de ação afirmativa e igualdade de oportunidades (1). O século XX trouxe mudanças sociais e políticas importantes, como a crítica ao regime nazifascista, a Declaração dos Direitos Humanos e as lutas pelos direitos civis, mas esses problemas persistem e demandam muita atenção (2).

Superar o racismo requer esforço contínuo e políticas públicas efetivas que promovam a inclusão social, econômica e educacional de todos os grupos étnico-raciais. É essencial reconhecer que a luta contra o racismo é um processo contínuo que exige mudanças estruturais na sociedade. Embora a sociedade brasileira tenha avançado significativamente em termos de direitos humanos, o racismo ainda persiste. Afinal, a abolição formal da escravatura não foi suficiente para erradicar as profundas desigualdades e injustiças geradas ao longo da história.



## VOCÊ SABIA?

### RAÇA

Não existem raças biológicas para diferenciar os seres humanos. No entanto, o termo “raça” é compreendido como um **conceito social**, utilizado para se referir a um conjunto de características fenotípicas, como a cor da pele, os traços faciais e a textura do cabelo.

### ETNIA

Quando falamos em etnia nos referimos a **aspectos étnicos e culturais** de um grupo, incluindo sua história, cultura, tradições, crenças, valores, língua e religião.

### RACISMO

O racismo é a **discriminação** baseada nas diferenças raciais e étnicas. Ou seja, um tipo de **preconceito** contra pessoas cujas características físicas (raça) ou culturais (etnia) são vistas como negativas ou inferiores. Essa forma de discriminação é **estrutural** e produz **desigualdade** e **distribuição de poder desigual** entre os grupos étnico-raciais.



### 3. Quais as principais formas de expressão do racismo?

O racismo assume várias formas de expressão na sociedade, podendo se manifestar de forma mais cordial, flagrante, aversiva e sutil.

O **racismo cordial** é uma forma de preconceito que parece menos agressiva, sem ódio aberto, violência ou separação evidente entre as pessoas. Ele aparece de forma mais discreta e pessoal, em atitudes e comportamentos do dia a dia, mas ainda causa desigualdade, exploração e desvantagens para pessoas negras, por exemplo (3). O racismo cordial se disfarça sob aparente amabilidade, perpetuando desigualdades de maneira indireta (2).

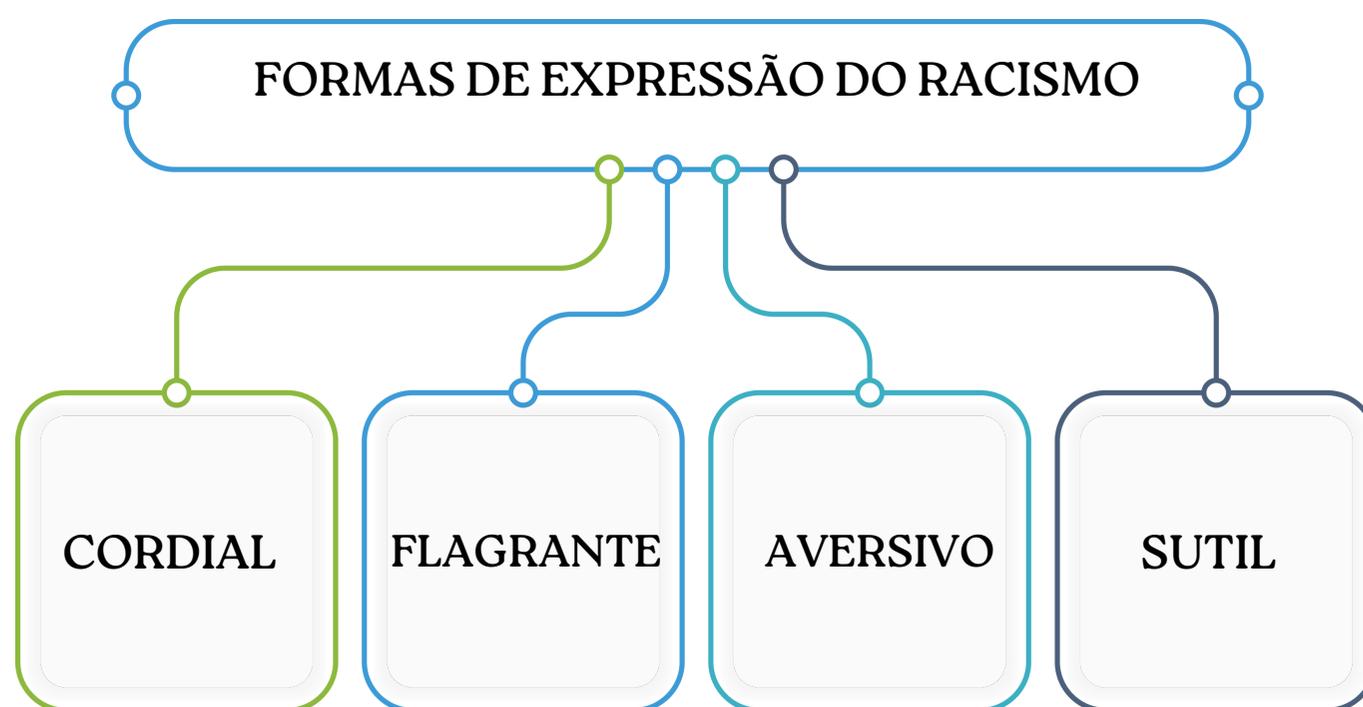
O **racismo flagrante** é a forma mais explícita e direta de discriminação racial, é caracterizado por atitudes e comportamentos abertamente preconceituosos e discriminatórios, sem tentativas de disfarçar ou suavizar a discriminação (2).

O **racismo aversivo** acontece quando a pessoa não sente ódio ou hostilidade contra pessoas negras, mas sim desconforto, nervosismo, ansiedade ou até medo. Esses sentimentos levam a evitar o contato próximo, em vez de agir com violência ou de forma destrutiva (4). O racismo aversivo reflete uma tensão entre valores igualitários e sentimentos subconscientes negativos, levando a discriminações sutis (2).

Por fim, o **racismo sutil**, que é indireto e distante, configura-se em uma forma mais velada de expressão. O preconceito sutil é uma forma mais escondida de discriminação que aparece de três formas: culpar outros grupos por não se esforçarem o bastante ou não seguirem os valores certos; achar que as diferenças culturais entre "eles" e "nós" são muito grandes; e evitar demonstrar simpatia ou admiração por pessoas desses grupos (2). Mesmo não sendo direto, esse tipo de preconceito ainda causa danos e reforça a exclusão.

**As formas contemporâneas de racismo são mais sutis e disfarçadas do que as do passado, refletindo mudanças nas normas sociais e políticas.** Todavia, nos últimos anos, o racismo tem se transformado em formas de violência explícita. O aumento de movimentos nacionalistas e supremacistas brancos em diversas partes do mundo é um exemplo de como o racismo tem se transformado em violência aberta. Casos de violência policial contra pessoas negras, como os assassinatos de George Floyd nos EUA e João Pedro (adolescente morto em 18 de maio de 2020 no Complexo do Salgueiro) no Brasil, são exemplos de como o racismo institucional também pode se manifestar de forma violenta (5).

Esse caráter de mutação do racismo, a fim de manter as estruturas de poder, é influenciado por uma combinação de fatores sociais, econômicos e psicológicos e se manifesta em diversas formas de violência, desde crimes de ódio individuais até mobilizações de grupos extremistas. Entender essa dinâmica é crucial para desenvolver estratégias eficazes de prevenção e combate ao racismo e à violência associada (5).



## 4. Como o racismo é reproduzido na escola?



Assim como na sociedade, **o racismo na escola manifesta-se de forma flagrante e hostil, mas também frequentemente de forma sutil e institucionalizada.**

No ambiente escolar, o racismo se expressa através de insultos, apelidos pejorativos, comentários depreciativos sobre a aparência, o cabelo, a religião ou a cultura de estudantes negros, que, por vezes, são entendidos como “brincadeiras” inofensivas. Essas agressões ocorrem através de práticas e discursos que reforçam estereótipos negativos e inferiorizam esses alunos, como associar pessoas negras a animais e o cabelo cacheado ou crespo a algo ruim. Muitas vezes, essa violência ocorre fisicamente, quando crianças negras apanham ou têm seus cabelos puxados pelos seus colegas (6; 7).

Outras formas de manifestação do racismo ocorrem por meio do isolamento, da rejeição e da exclusão de estudantes negros na sala de aula, nas brincadeiras, nos grupos de trabalho e nas atividades (6; 7).





O racismo também se expressa de forma **institucional** na escola. Por exemplo, no currículo e no material didático, por meio da falta de representatividade, os livros e os materiais didáticos que ignoram a história e as contribuições da população negra e indígena, retratando predominantemente a cultura e as figuras históricas brancas, além da presença de estereótipos que representam pessoas negras e indígenas de maneira estigmatizada (8).



Além disso, o racismo está presente nas baixas expectativas acadêmicas que os professores têm para alunos negros, baseando-se em crenças, muitas vezes inconscientes, sobre suas capacidades. Ou ainda, o racismo se expressa por meio das punições desiguais dos estudantes, com alunos negros recebendo punições mais severas em comparação com alunos brancos por comportamentos semelhantes (7).

Além de **atribuição de problemas comportamentais** de estudantes negros sendo mais frequentemente interpretados como problemas de indisciplina, enquanto comportamentos similares em alunos brancos são vistos como excentricidade ou necessidade de atenção.



Apesar da evidência do racismo nas escolas, muitas vezes há uma negação dessa realidade tanto por parte das instituições quanto da sociedade em geral. Essa **negação dificulta a implementação de políticas e práticas antirracistas efetivas**, perpetuando o ciclo de discriminação e exclusão (8;9).

Além disso, a tendência de interpretar situações de discriminação racial como questões puramente socioeconômicas, emocionais, dificuldades de aprendizagem ou problemas familiares desvia a atenção da verdadeira raiz do problema: **a discriminação racial**.

Essa naturalização contribui para a perpetuação das **desigualdades raciais**, pois ignora as causas históricas e sociais do racismo, que estão enraizadas nos processos de dominação colonial e na colonialidade que perdura até hoje (6;10).



## 5. Quais os impactos do racismo?

O racismo causa impactos profundos no desenvolvimento e no bem-estar dos estudantes. **Na escola, um dos seus principais efeitos é a evasão escolar.** A evasão ocorre quando o aluno, após repetidas experiências de racismo, sente que o ambiente escolar não é acolhedor e adequado para ele, o que culmina na desistência e na evasão.

Muitas vezes, a evasão ocorre por várias reprovações, que desmotivam o aluno e colaboram para que ele perca o interesse pela escola. Essas reprovações também resultam em uma distorção idade-série, na qual a idade do aluno é incompatível (superior) à da turma em que está matriculado (11).

Mesmo aqueles alunos que, apesar dos obstáculos, conseguem resistir e chegar até a formatura, muitas vezes, o fazem de forma tardia. Esse atraso compromete sua iniciação no ensino superior, limitando suas opções de futuro e, em muitos casos, restando apenas a inserção precoce no mercado de trabalho, onde eles também podem enfrentar dificuldades devido à falta de qualificação adequada e ao preconceito racial.

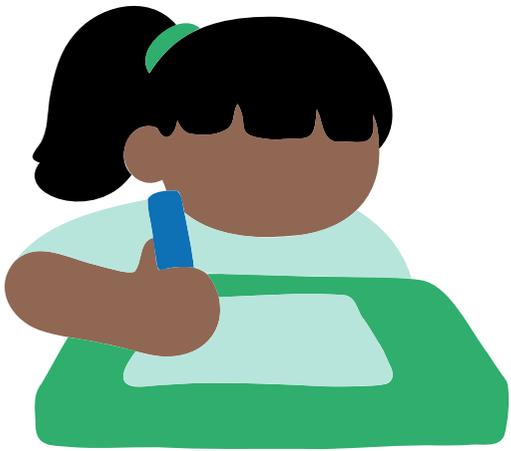
O racismo **também produz baixa autoestima.** Aqueles que sofrem racismo podem desenvolver um sentimento de inferioridade e desvalorização da sua identidade, acreditando que são menos capazes ou valiosos que seus colegas. Esse sentimento de inadequação não só prejudica seu desempenho acadêmico, mas também afeta sua capacidade de socializar de forma saudável e de se sentir parte da comunidade escolar (12).



O Núcleo Ciência Pela Infância (NCPI, 2021) reuniu uma série de **consequências produzidas pelo racismo na vida de crianças e jovens**, essas consequências incluem:

- ✦ Rejeição da própria imagem e impacto na autoestima;
- ✦ Construção de uma identidade racial desvalorizada;
- ✦ Restrições para realizar sua capacidade intelectual;
- ✦ Problemas de socialização e inibição comportamental;
- ✦ Propensão ao desenvolvimento de doenças crônicas na vida adulta, como doenças cardiovasculares, obesidade, diabetes, distúrbios respiratórios e imunológicos e transtornos mentais;
- ✦ Violência doméstica;
- ✦ Estresse tóxico;
- ✦ Ansiedade, fobia, depressão;
- ✦ Dificuldade de confiar em si mesmo.

Portanto, **o racismo não apenas compromete a trajetória educacional dos estudantes, mas também causa danos emocionais e psicológicos nas vítimas**, gerando sofrimento como angústia, tristeza, medo, vergonha, raiva, estresse, ansiedade, depressão, prejudicando a qualidade de vida e o bem-estar físico e mental (7). Essas consequências devastadoras demandam posicionamento firme e ativo das escolas no combate ao racismo.



## 6. A função da escola no combate ao racismo

Durante os primeiros anos da infância, **a primeira socialização** da criança costuma ocorrer com as pessoas da família e a escola se torna seu segundo contato de interações sociais. A escola tem grande participação no desenvolvimento dos indivíduos. É a partir dela que a criança busca por grupos para pertencer, compartilhando com os colegas, crenças, valores e hábitos, mas também partilhando preconceitos como o racismo (10).

A escola, enquanto um dos principais espaços de formação e socialização, deve adotar uma postura ativa no combate ao racismo. Isso implica uma série de ações concretas e uma mudança de atitude entre educadores e gestores escolares, que precisam se comprometer a desnaturalizar as desigualdades raciais e a descolonizar as mentes, o conhecimento e os currículos (10). Para combater as manifestações de racismo na escola, **é necessário adotar práticas pedagógicas inclusivas e antirracistas**, como:

1

**Revisão de currículos:** Incorporar a história e a cultura afro-brasileira e indígena de maneira significativa e respeitosa, conforme estabelecido nas Leis 10639/03 e 11645/08. Gestores e educadores devem implementar práticas pedagógicas que promovam a diversidade e combatam o racismo e incluir nas aulas perspectivas e contribuições de diferentes grupos étnico-raciais, bem como criar espaços de diálogo sobre questões raciais (10).

2

**Postura antirracista e formação continuada:** Professores e gestores escolares devem adotar uma postura pessoal e profissional que recuse qualquer forma de racismo e discriminação. Isso envolve a sensibilização e a formação contínua dos educadores para que estejam capacitados a reconhecer e combater o racismo em suas várias formas. Oferecer treinamento contínuo para professores e funcionários sobre raça, etnia, racismo, relações raciais no Brasil e práticas antirracistas (13).

3

**Criação de espaços seguros:** Estabelecer espaços onde estudantes negros possam discutir suas experiências e explorar suas identidades étnico-raciais de forma positiva, tais como eventos, festividades, visitas a espaços culturais, comunidades, museus, promoção de palestras e rodas de conversas com especialistas etc. Além disso, é importante promover espaços de apoio para que os estudantes se sintam acolhidos e seguros quando acontecerem situações de racismo, preconceito e discriminação (7).



O enfrentamento ao racismo exige o reconhecimento da sua existência na própria escola, só assim é possível identificar e combater práticas racistas. A escola tem um papel fundamental na promoção de valores de igualdade e respeito à diversidade, bem como na formação de cidadãos críticos e conscientes para a construção de uma sociedade mais equânime.



## 7. O papel do(a) professor(a)

A escola pode ser vista como uma forte agência provedora de ações antirracistas e os professores têm papel fundamental como mediadores desse processo. Professores são figuras de identificação e são difusores de saber e de conhecimento, tornando-se referências para seus estudantes. Quando os professores se posicionam ativamente contra o racismo, eles contribuem para romper com o ciclo de perpetuação dessas práticas discriminatórias.

Alguns passos são necessários para que os professores se engajem na luta antirracista:

- ★ **Os professores precisam romper o silêncio sobre o racismo**, que é bastante prejudicial, pois impede que esse fenômeno seja discutido, que suas consequências sejam evitadas e ainda que ações para combatê-lo sejam realizadas.. Falar sobre racismo na escola é importante para que os estudantes reconheçam o preconceito como algo sério e para que a escola esteja atenta e preocupada com esse problema.
- ★ **Os professores precisam reconhecer o seu papel em uma sociedade racista**, fazendo uma análise de suas próprias identidades raciais e práticas profissionais e de como a raça e o racismo operam nas suas vidas e nas escolas onde eles atuam, tentando perceber se há atitudes racistas na busca de combatê-las.

- ✦ **Os professores precisam superar o eurocentrismo**, a partir da prática de perceber que o currículo das escolas brasileiras é construído sobre princípios brancocêntricos. É necessário questioná-los, denunciar seu centralismo e promover a inserção da história do povo negro e dos povos indígenas, suas lutas, inventos, vivências, valores, crenças e religiões no plano pedagógico, a partir de uma perspectiva diferente da habitualmente contada pelo olhar unilateral do europeu, apresentada de forma simplista e limitada.
- ✦ **Os professores precisam delinear projetos pedagógicos com base na educação antirracista e no letramento racial**, cujos objetivos são desenvolver ações contínuas de enfrentamento ao racismo e fortalecer a representação positiva dos grupos socialmente discriminados, como negros, indígenas, ciganos e quilombolas.
- ✦ **Os professores precisam implementar as Leis 10.639/03 e 11.645/08**, para isso é fundamental incluir nos currículos escolares e nos planos de aulas conteúdos sobre a história e a cultura afro-brasileira e indígena a fim de promover a consciência racial crítica dos estudantes, combater estereótipos e preconceitos e estimular o respeito à diversidade (14;15).

Além disso, a educação antirracista deve ser inserida nas disciplinas de todos os professores durante todo o calendário estudantil. Dentre as atividades, é importante criar espaços para o diálogo sobre questões raciais, promover projetos antirracistas, incentivar a leitura sobre autores, oportunizar que os estudantes conheçam essas pessoas não apenas lendo sobre elas, mas também conhecendo a própria obra delas quando for pertinente, pensadores, artistas, escritores, cientistas, músicos e demais importantes personalidades negras e indígenas, com o propósito de valorizar a diversidade étnico-racial e contribuir na construção de uma escola livre dos efeitos do racismo.

## 8. O papel da gestão escolar

O papel do gestor escolar no combate ao racismo é de fundamental importância, pois ele **exerce uma liderança que influencia diretamente o ambiente escolar**. Como líder da equipe pedagógica e administrativa, o gestor tem a responsabilidade de criar um espaço acolhedor para todos, assegurando que o racismo não seja parte do cotidiano da escola.

O gestor deve assegurar que a educação antirracista seja integrada ao **Projeto Político Pedagógico (PPP)** da escola, o que significa fazer um esforço para incluir a história e a cultura africana e afro-brasileira no currículo, promovendo o respeito às religiões de matriz africana e combatendo qualquer forma de preconceito (16).

O gestor também deve apoiar e incentivar a capacitação constante da equipe escolar para lidar com questões raciais de maneira crítica e eficaz, **garantindo que todos os membros da escola saibam como identificar e responder criticamente ao racismo**.

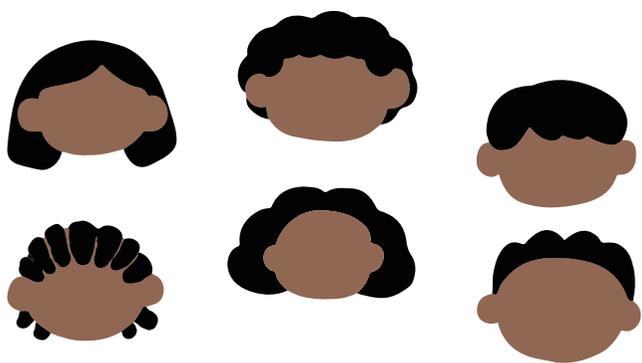
O gestor deve dar atenção à evasão escolar, especialmente entre alunos negros, uma vez que essa evasão está intimamente ligada à falta de acolhimento e ao racismo na escola, e é papel do gestor criar estratégias para combater isso, assegurando que todos os alunos se sintam parte da escola e tenham suas identidades respeitadas e valorizadas (17).



## → Gestores podem ainda:

- ✦ **Acolher e tomar medidas efetivas diante de casos de racismo:** A gestão escolar pode criar um protocolo de como agir nesses casos, traçando estratégias para acolher as vítimas, o que pode ser feito em parceria com outros dispositivos disponíveis na localidade em que a escola está inserida, bem como pensar ações educativas para os perpetradores.
- ✦ **Promover discussões sobre racismo nos momentos de formação de professores:** É possível que muitos professores nunca tenham tido acesso a discussões sobre racismo ao longo de sua formação. Assim, uma possibilidade é criar espaços em que o tema seja discutido na própria escola. Cursos de curta duração, oficinas de capacitação, palestras e momentos formativos podem ser algumas das possibilidades.
- ✦ **Selecionar materiais que apoiem a diversidade e não reforcem estereótipos negativos sobre determinados grupos étnico-raciais:** Não é possível combater o racismo utilizando materiais que fazem o contrário. Assim, o cuidado com as representações dos diferentes grupos nos livros, por exemplo, é fundamental.
- ✦ **Criar e apoiar projetos antirracistas na escola:** É muito importante que as escolas criem projetos de valorização da identidade negra e indígena, de combate ao racismo e de enfrentamento da intolerância religiosa. É fundamental que esses projetos sejam desenvolvidos durante todo o ano e sejam integrados no projeto político pedagógico da escola.

A atuação da gestão deve ser pautada pela criação e pela promoção de normas, valores e uma cultura antirracista, que promova a valorização e o respeito pela diversidade étnico-racial, que não apenas respeite as leis, mas também as incorpore de forma prática no cotidiano da escola.



## 9. O papel da família

O combate ao racismo também deve acontecer no contexto familiar, um dos principais grupos de contato e socialização da criança. As interações das crianças e dos adolescentes com seus responsáveis são de suma importância para o desenvolvimento, pois ajudam a formar competências e responsabilidades que serão levadas para a vida adulta. Diante disso, percebe-se que a família tem papel importante na prevenção, no combate e no enfrentamento do racismo.

### Como a família pode contribuir?



**O diálogo é um dos meios de comunicação mais importantes e pode ser estratégico para o combate ao racismo.** Os responsáveis podem conversar sobre a diversidade étnico-racial, cultural e religiosa etc., com os filhos e sobre a própria raça e etnia dos membros familiares. Crianças negras, indígenas e ciganas precisam construir significados por pertencer aos seus grupos étnico-raciais e o apoio dos responsáveis sobre a autoaceitação, a autoconfiança e o orgulho em ser negro, indígena, cigano, quilombola, amarelo, por exemplo, pode desenvolver uma identidade étnico-racial saudável.

**A educação antirracista na família** também pode ocorrer através da transmissão de conhecimento sobre a história e a cultura dos diferentes grupos étnico-raciais; a leitura de livros infantojuvenis com protagonistas negros e indígenas; a representatividade negra e indígena positiva, bem como o compartilhamento de histórias de personalidades negras e indígenas brasileiras importantes, como na política, no esporte, na arte, na música e na educação.

A educação antirracista promove autoaceitação, bem-estar, proteção e saúde mental para as crianças de grupos étnicos discriminados socialmente. E as crianças e as famílias brancas podem, através do conhecimento da diversidade étnico-racial e dos privilégios da branquitude, atuar na prevenção e no combate ao racismo, pois ser antirracista é de responsabilidade de todos.

A família também pode preparar as crianças e os jovens para o enfrentamento do racismo. Há pelo menos **cinco estratégias importantes que podem ser usadas e as instruções repassadas dos responsáveis para os filhos** (12):

- ✦ Respirar fundo, buscar sair da situação em segurança;
- ✦ Pensar em alguém que possa ajudar;
- ✦ Buscar alguém de confiança para contar o ocorrido;
- ✦ Responder o colega com calma e confiança;
- ✦ Sempre buscar contar aos pais ou professores.

É importante que as crianças de todos os grupos étnico-raciais estejam conscientes de que situações de discriminação podem acontecer e saibam como agir no momento. Mas também **é essencial que tenham a família como fonte de apoio, segurança, proteção e cuidado.**



## 10. O papel da psicologia escolar

A **Psicologia** tem um papel fundamental e deve estar comprometida com o combate ao racismo. Em conformidade com a resolução N.º 018/2002, do Conselho Federal de Psicologia, “os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão, contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo”.

Para que isso seja alcançado nas escolas, é essencial que os psicólogos, em conjunto com demais atores da comunidade escolar, construam caminhos e alternativas para que a escola não seja mais uma instituição que perpetua a violência e a discriminação racial, mas que, ao contrário, rompa com o ciclo do racismo estrutural e construa uma nova realidade de justiça e igualdade racial (18;19).

Portanto, **é extremamente necessário que a psicologia promova na escola ações de prevenção e combate ao racismo**, uma vez que essa violência perpassa as vivências dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar, impactando o seu desenvolvimento e bem-estar psicológico e prejudicando a aprendizagem e as relações escolares (20).



A psicologia pode desenvolver uma série de ações para o combate ao racismo na escola. Algumas sugestões incluem:

- ✦ Representar positivamente os grupos étnico-raciais (por exemplo: nas imagens utilizadas nas escolas, como os presentes nos painéis e nos papéis de paredes, é preciso representar figuras dos diversos grupos étnico-raciais de forma positiva);
- ✦ Usar cartazes, livros e materiais didáticos e audiovisuais que tenham representações positivas dos diferentes grupos étnico-raciais;
- ✦ Desenvolver e convidar profissionais e representantes dos diferentes grupos étnico-raciais para participarem de eventos, aulas, rodas de conversas e palestras na escola;
- ✦ Trabalhar temas associados as diferenças étnico-raciais, não apenas em “datas comemorativas”, mas sim ao longo do ano.
- ✦ Trabalhar as identidades étnico-raciais dos estudantes, fortalecendo as identidades de estudantes negros, indígenas, ciganos, quilombolas e amarelos;
- ✦ Falar de forma positiva sobre cor de pele e diferenças étnico-raciais;
- ✦ Levar as crianças e os jovens a atividades em ambientes em que a diversidade étnico-racial esteja representada de forma positiva;
- ✦ Apresentar os diferentes grupos étnico-raciais;
- ✦ Promover ações e projetos que fomentem uma cultura de respeito às diferenças;
- ✦ Criar espaços de discussões sobre diferenças étnico-raciais e racismo, incentivar o pensamento crítico e o combate ao racismo.

# 11. Uma situação de racismo ocorreu na minha escola. Como posso lidar com isso?



Lidar com situações de preconceito costuma ser um desafio para muitos professores e demais membros da escola. Ocorrências de discriminação não devem ser ignoradas e é nosso papel agir diante delas. Abaixo reunimos dez orientações sobre o que fazer diante desses episódios.

## 1. Ouvir os envolvidos e acolher as vítimas

A primeira ação a ser tomada é escutar separadamente os envolvidos na situação, as possíveis vítimas, os agressores e as testemunhas:

- ✦ Diante de uma experiência de discriminação, é primordial fornecer escuta, acolhimento e apoio às vítimas da agressão. Procure proteger a vítima e demonstrar apoio e empatia frente ao sofrimento atrelado a essa situação, para que ela se sinta protegida e segura e possa expressar seus sentimentos sem medo de retaliação e julgamento. É importante que essa escuta seja em um lugar calmo e privado que ofereça sigilo e segurança para a vítima. Mesmo que o episódio de discriminação não tenha sido presenciado por você, é importante chamar os envolvidos, demonstrar interesse em ouvi-los e acolher a vítima.

- ✦ É importante conversar com os agressores. Ouvir os agressores é importante para compreender a raiz do problema e conscientizá-los sobre os danos causados pelo seu comportamento, bem como para adotar medidas educativas a fim de prevenir ocorrências futuras de violência. É importante que fique claro para eles o posicionamento da escola frente às situações de discriminação, a gravidade de comportamento como esses e as consequências previstas.
- ✦ Além de acolher as vítimas e ouvir os agressores, é necessário um olhar cuidadoso para as testemunhas da violência, que podem ter sido impactadas emocionalmente e podem esconder informações por temer retaliações ou serem as próximas vítimas. Portanto, é necessário oferecer um ambiente de escuta que transmita confiança e que garanta que medidas serão tomadas sem que essas pessoas sofram retaliações.

## **2. Fazer registros**

Documente detalhadamente o que ocorreu, incluindo data, local, nomes dos envolvidos e uma descrição do que aconteceu. Esses registros são importantes para garantir que a situação seja tratada com seriedade e podem ser usados como base para ações posteriores e desdobramento dos casos em outras instâncias. No caso de agressores, é importante que essas informações estejam presentes também na ficha dos estudantes, pois é possível acessá-las em casos de manutenção do comportamento preconceituoso. No tópico 14 deste protocolo, fornecemos um modelo útil para registrar ocorrências de preconceito na escola.

## **3. Informar à gestão escolar**

Leve o caso ao conhecimento da direção ou da coordenação da escola. A gestão escolar deve estar ciente do ocorrido para que possa tomar as medidas administrativas necessárias, garantindo que a situação seja abordada de forma oficial e responsável.

## **4. Conversar com pais ou responsáveis**

É importante também envolver os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos. Um diálogo com as famílias pode ajudar a garantir que o problema seja compreendido e trabalhado em diferentes ambientes, incluindo escola e famílias. Todavia, antes de levar o caso para os pais ou responsáveis, é recomendado contatar primeiramente a coordenação ou outros setores pedagógicos que possam dar segurança de como essa ação será recebida no contexto familiar a fim de não gerar ainda mais riscos, problemas ou conflitos para a vítima.

## **5. Promover medidas educativas**

Junto com a gestão escolar, determine as medidas educativas apropriadas para quem praticou o preconceito. Essas medidas não podem ter um caráter apenas punitivista, pois, muitas vezes, a punição não leva o aluno a entender por qual motivo foi punido e qual a gravidade de suas ações. Inserir esses alunos em atividades educativas que promovam reflexões sobre preconceito, diversidade e diferenças pode ser mais positivo.

## **6. Realizar ações sobre diversidade e preconceito**

Além das ações imediatas, é fundamental promover discussões e reflexões sobre preconceito com toda a comunidade escolar. Organize rodas de conversa, palestras ou atividades que conscientizem sobre o impacto negativo do preconceito e incentivem o respeito à diversidade, principalmente entre os alunos.

## **7. Desenvolver projetos contínuos na escola**

Ações para lidar com o preconceito não devem ser realizadas apenas em momentos pontuais, quando ocorrem episódios de discriminação, ou apenas em datas comemorativas. É muito importante que projetos contínuos possam ser desenvolvidos durante todo o ano e sejam incluídos no projeto político pedagógico da escola.

## 8. Criar uma agenda de reuniões e trabalho na escola

É fundamental criar uma agenda de reuniões, grupos de trabalho e comissões entre os profissionais da escola para organizar o trabalho contínuo de controle e prevenção do preconceito, dos conflitos e das violências. Essa agenda de reuniões e de trabalho deve envolver a colaboração de profissionais de outras áreas, como psicólogos e assistentes sociais, que podem contribuir significativamente no enfrentamento das violências nas escolas. Incluir estudantes nessa agenda de trabalho, para que recebam informações e disseminem ideias, pode ajudar a tornar as ações ainda mais eficazes.

## 9. Acompanhar os alunos ao longo do tempo

É importante continuar acompanhando os alunos envolvidos mesmo após a resolução de uma situação específica de discriminação e avaliar se os mesmos precisarão ser encaminhados para outros profissionais, como psicólogos clínicos. O acompanhamento contínuo demonstra aos estudantes que a escola se preocupa com o bem-estar de todos.

## 10. Buscar mais informações e apoio institucional

Pode ser difícil lidar com o preconceito quando não nos sentimos preparados ou não sabemos a quem recorrer. Por isso, buscar mais informações sobre esse tema é um passo importante. Existem livros, cursos, podcasts e muitos outros conteúdos de livre acesso que podem nos ajudar nessa tarefa. Também é fundamental acionar a escola, a rede de ensino e a secretaria de educação para buscar apoio institucional e solicitar o fornecimento de formação continuada adequada para o combate dessa violência.



# 12. Como combater o racismo na escola: intervenções e indicações de materiais

## Atividades e oficinas lúdicas, dinâmicas e corpóreas

Oficinas, brincadeiras e jogos tradicionais de povos indígenas e afro-brasileiros são uma excelente maneira de valorizar as culturas dessas comunidades, que historicamente foram marginalizadas. Ao incluir esses elementos no ambiente escolar, a escola contribui para o reconhecimento e o respeito pela diversidade cultural e para a superação de narrativas que minimizam ou distorcem a importância dessas culturas. Por exemplo, ao incorporar danças, cantos e jogos tradicionais, como o "pule a corda" ou as "danças de roda" afro-brasileiras, as crianças aprendem sobre as raízes dessas práticas e o significado que elas têm para as comunidades.

## Criação de uma comissão antirracista

Uma comissão composta por representantes de todos os agentes da escola pode desenvolver e implementar programas de sensibilização e capacitação para alunos, professores e funcionários. Isso inclui palestras, workshops, atividades educativas e debates que abordam questões como racismo estrutural, preconceito, privilégio branco e contribuições das populações negras, indígenas e quilombolas para a sociedade. Essas ações podem ajudar a desconstruir estereótipos e preconceitos presentes na escola e criar uma cultura de respeito pela diversidade.

## Rodas de conversas e cine-debates

Organizar rodas de conversas para o diálogo sobre diversidade, diferenças e respeito, bem como sessões de cine-debates com filmes, séries, documentários, animações e outros vídeos educativos, incentivando os alunos a refletirem sobre o racismo e as formas de combate. É importante criar um ambiente em que os estudantes se sintam seguros para expressar suas opiniões e questionar preconceitos. Essa troca de ideias ajuda a consolidar o aprendizado e a desenvolver a consciência crítica.

## **Visitas a comunidades e museus**

Levar alunos a museus, espaços culturais e comunidades indígenas e quilombolas pode ser uma ferramenta educacional no combate ao racismo dentro da escola, oferecendo oportunidades para descolonizar o currículo e promover a valorização da diversidade cultural, étnica e histórica. Essas visitas proporcionam uma experiência de contato intergrupar que não apenas amplia o entendimento sobre as questões raciais, mas também desafia as representações estereotipadas que muitas vezes dominam a educação formal.

## **Criação de uma cultura escolar antirracista**

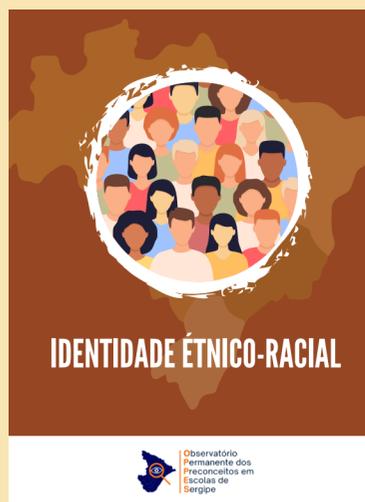
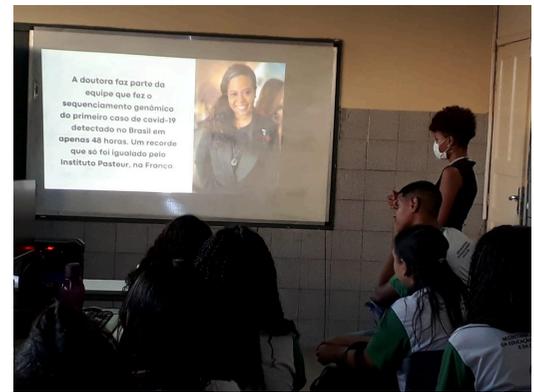
Inserir atividades antirracistas e de valorização da diversidade étnico-racial durante todo o ano letivo, em vez de se restringir a eventos ou datas comemorativas esporádicas, é uma abordagem mais eficaz e profunda no combate ao racismo. A escola transforma-se em um ambiente onde a reflexão sobre o racismo e as questões raciais fazem parte do cotidiano, pois a integração de temas relacionados às culturas negra, indígena e outras identidades étnicas no currículo regular fortalece o senso de pertencimento dos estudantes, contribuindo para a construção de uma autoestima positiva, e isso também ajuda a combater o racismo.

## **Utilizar a literatura como meio de abordar o racismo**

Selecionar livros e obras literárias que contemplem diferentes perspectivas, especialmente aquelas que abordam a vivência de grupos marginalizados, como os negros, os indígenas e outras minorias. A literatura negra, por exemplo, oferece uma rica fonte de reflexão sobre a experiência de racismo e pode promover uma maior compreensão da realidade racial no Brasil (21). Para crianças menores, invista em contação de histórias com personagens negros e indígenas, que desconstruem estereótipos e ensinam sobre empatia e valorização das identidades.

## Sugestão de atividade - “Identidades Étnico-Raciais”

A intervenção promovida pelo OPPES, sobre as identidades étnico-raciais, foi dividida em duas etapas. Na primeira, foi proposto que os estudantes assistissem a um vídeo sobre os diferentes grupos étnico-raciais, para um posterior debate. Na segunda etapa, foi solicitada a construção de uma árvore familiar, com foco nos grupos étnico-raciais existentes nela, a fim de estimular o autorreconhecimento étnico-racial dos estudantes e a apreciação das diversidades étnico-raciais.

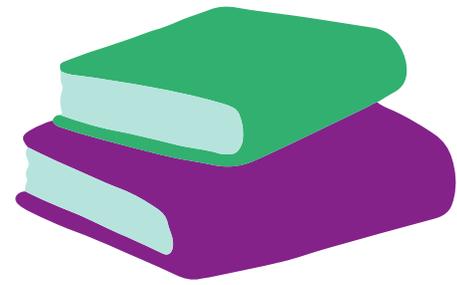


O OPPES também produziu uma **Cartilha de Identidade Étnico-Racial** que pode ser acessada através do QR Code. Com ela, é possível esclarecer conceitos relacionados às diferenças entre raça e etnia e aos diferentes grupos étnico-raciais.



Outros materiais também podem servir de base de conhecimento e de recurso didático e pedagógico sobre o tema. A seguir, sugerimos alguns materiais que podem auxiliar professores, gestores, pais, psicólogos e outros profissionais no combate ao racismo.

## Indicação de Livros



✦ **Catálogo de Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-brasileiras**

Pinto, H., Soares da Silva, L., & Danae, M. (Orgs.). (2022). Catálogo de Jogos e Brincadeiras Africanas e Afro-Brasileiras. Ilustrações de Rodrigo Andrade. Aziza Editora.

✦ **Catálogo com Sugestões de Livros da Literatura Infantil**

Oliveira, F. (2022). Catálogo com Sugestões de Livros da Literatura Infantil.

✦ **Cumbe**

D'Salete, M. (2014). Cumbe. São Paulo: Editora Veneta.

✦ **Sinto o que sinto**

Ramos, L. (2019). Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser. Ilustrações de Ana Maria Sena. Carochinha Editora.

✦ **O pequeno Príncipe Preto**

França, R. (2020). O Pequeno Príncipe Preto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

✦ **Amoras**

Emicida. (2018). Amoras. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letras.

✦ **O Menino Nito**

Rosa, S. (2002). O Menino Nito. Ilustrações de Victor Tavares. Belo Horizonte: Pallas Editora.

✦ **O dia que a árvore do meu quintal falou comigo**

Vieira, P. (2022). O dia que a árvore do meu quintal falou comigo. Ilustrações de Elder Galvão. HarperCollins Brasil.

✦ **Bucala: A princesa do Quilombo do Cabula**

Nunes, D. (2015). Bucala: A princesa do Quilombo do Cabula. Ilustrações de Daniel Santana. Salvador: Editora Uirapuru.

✦ **Betin**

Gomes, N. L. (2006). Betin. Ilustrações de Elma. Belo Horizonte: Editora UFMG.

✦ **O mundo no black power de Tayó**  
Oliveira, K. de. (2006). O mundo no black power de Tayó. Ilustrações de Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis.

✦ **Princesas Negras.**  
Souza, E. P. de, Meireles, A. C., & Rodrigues, J. (s.d.). Princesas Negras. Malê Mirim.

✦ **Com qual penteado eu vou?**  
Oliveira, K. de, Andrade, R., Noguera, R., & Araújo, T. (2021). Com qual penteado eu vou? São Paulo: Melhoramentos.

✦ **Um sonho que não parecia sonho**  
Munduruku, D. (2007). Um sonho que não parecia sonho. Ilustrações de Inez Martins. São Paulo: Editora Crônicas Indígenas.

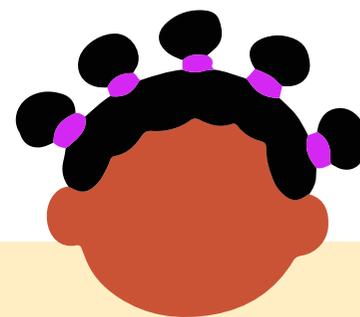
✦ **Meu lugar no mundo**  
Katy, S., Prieto, H., & Munduruku, D. (2008). Meu lugar no mundo. São Paulo: Ática.

✦ **Meu pai Ag'wã: Lembranças da casa de conselho**  
Yamã, Y. (2014). Meu pai Ag'wã: Lembranças da casa de conselho. Ilustrações de Bernardi Suryara. São Paulo: Scipione.

## Indicação de Autores

- Fabiana de Oliveira;
- Marcelo D'Saete;
- Lázaro;
- Rodrigo França;
- Emicida;
- Sônia Rosa;
- Paulo Vieira;
- Davi Nunes;
- Nilma Lino Gomes;

- Cidinha da Silva;
- Kiusam de Oliveira;
- Daniel Munduruku;
- Sulami Katy;
- Yaguarê Yamã;
- Fabiana de Oliveira;
- Lavínia Rocha;
- Bell Hooks;
- Bárbara Carine Pinheiro.



## Indicação de filmes

### ★ **Soul (2020):**

Soul. Pixar Animation Studios; Walt Disney Pictures. Disponível na Disney+.

- **Resumo:** A trama acompanha Joe Gardner, um professor de música que tem a chance de realizar seu grande sonho de se apresentar em uma grande banda, mas acaba se envolvendo em uma jornada pela "vida após a vida", explorando temas como propósito e autoconhecimento.
- **Classificação indicativa:** Livre

### ★ **Estrelas além do tempo (2016):**

(Original: Hidden Figures). 20th Century Fox. Disponível na Amazon Prime Video e Netflix.

- **Resumo:** Este filme é baseado na história real de três matemáticas afro-americanas - Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson - que desempenharam papéis fundamentais na NASA durante as primeiras missões espaciais, ajudando a levar os Estados Unidos ao sucesso na corrida espacial, apesar das barreiras de raça e gênero.
- **Classificação Indicativa:** Livre

### ★ **Pantera Negra (2018)/ Pantera Negra: Wakanda Para Sempre (2022):**

Marvel Studios; Walt Disney Studios Motion Pictures. Disponível na Disney+.

- **Resumo:** Este filme de super-herói, baseado no personagem da Marvel Comics, segue T'Challa, o novo rei de Wakanda, que deve enfrentar desafios internos e externos enquanto luta para proteger seu reino e sua cultura.
- **Classificação Indicativa:** 12 anos

### ★ **Besouro (2009):**

Globo Filmes; O2 Filmes. Disponível na Amazon Prime Video.

- **Resumo:** O filme mistura elementos de ação, drama e história, narrando a vida de Besouro, que foi um grande mestre de capoeira e herói popular que lutava contra a opressão dos negros no Brasil durante o período da escravidão. Ele usa a capoeira como uma forma de resistência e luta contra os senhores de engenho.
- **Classificação indicativa:** 12 anos

✦ **Alguém falou de racismo (2002):**

Diretor: Jorge Alfredo de Lima, Brasil.  
Disponível no YouTube e Google Play Filmes.

- **Resumo:** O filme aborda as manifestações de racismo e o impacto disso nas vidas de pessoas negras, trazendo à tona tanto a vivência cotidiana quanto o contexto histórico e institucional que sustenta essa discriminação. A obra destaca, ainda, a luta contra o racismo e a resistência do movimento negro brasileiro.
- **Classificação indicativa:** 12 anos

✦ **O menino que descobriu o vento (2019):**

Participant Media, em parceria com a Netflix. Disponível na Netflix.

- **Resumo:** Segue a jornada de William Kamkwamba, um jovem de 14 anos da cidade rural de Malawi, na África, que enfrenta uma seca devastadora e a fome iminente em sua comunidade. Quando sua família não consegue pagar pela escola, William começa a estudar por conta própria e, inspirado por livros, constrói uma turbina eólica para gerar eletricidade, trazendo água para sua aldeia e salvando sua comunidade da crise.
- **Classificação indicativa:** Livre

✦ **Rainha de Katwe (2016):**

Walt Disney Pictures, com a direção de Mira Nair. Disponível na Disney+.

- **Resumo:** A menina é descoberta por Robert Katende, um treinador de xadrez, que a ensina a jogar. Phiona rapidamente se torna uma campeã de xadrez e representa Uganda em competições internacionais, desafiando as expectativas e superando as dificuldades de sua vida cotidiana.
- **Classificação indicativa:** Livre



## Indicação de vídeos

### ★ **“Meu nome é Maalum!”**

O vídeo conta a história de Maalum, uma menina negra que nasce e cresce em um lar rodeado de amor e de referências afrocentradas. Ao sair do seio de sua casa, Maalum se depara com os desafios impostos pelos discursos e práticas de uma sociedade racista.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=PVO4CQVIPPE>

### ★ **“Kabengele Munanga - raça, racismo e etnia”**

Neste vídeo, são apresentados alguns conceitos discutidos por Kabengele Munanga, um cientista social brasileiro que reflete sobre as relações raciais no Brasil.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=G3CfTtA4oWY>

### ★ **“Márcia Kambeba – culturas indígenas (2016)”**

Neste vídeo, Márcia Kambeba, escritora de origem Omágua Kambeba, no Amazonas, fala sobre alguns trabalhos de preservação da cultura indígena.

Link: [https://youtu.be/E8csref7\\_QI?si=EfSHq-WGOCTJYwxc](https://youtu.be/E8csref7_QI?si=EfSHq-WGOCTJYwxc)

### ★ **“Luedji Luna e Robson Miguel – O negro na música – Diálogos Ausentes (2017)”**

Nesta edição de Diálogos Ausentes, a cantora e compositora Luedji Luna e o violonista Robson Miguel falam sobre o negro na música.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=bOS-5iJaMt4>



## 13. Canais de denúncia

No Brasil, existem vários canais de denúncia para crimes que violam os direitos humanos, como é o caso dos crimes ligados ao racismo. Aqui estão alguns:

- **Disque 190:** Serviço da Polícia Militar para denúncias no ato em flagrante do crime.
- **Disque 181:** Serviço da Polícia Civil. Através do 181 o crime é denunciado anonimamente.
- **Disque 100:** Serviço da Secretaria de Direitos Humanos e da Cidadania, disponível 24 horas para receber denúncias de violação de direitos humanos.
- **Delegacias Especializadas:** Muitas cidades têm delegacias especializadas em atender casos de crimes motivados por preconceito. Caso tenha sido vítima ou presenciado uma discriminação, é importante procurar a delegacia mais próxima.
- **Ministério Público:** O Ministério Público pode receber denúncias e investigar casos de discriminação e violência.
- **Centro de Referência de Direitos Humanos:** Muitas cidades possuem Centros de Referência em Direitos Humanos que oferecem apoio e acolhimento, além de orientar sobre como proceder em casos de violência.
- **Organizações Não Governamentais (ONGs):** Existem ONGs que atuam na defesa dos direitos da população negra e praticantes de religiões de matriz africana. Elas podem ser contatadas e servir de apoio.
- **Denúncia Online:** A "Delegacia Virtual", do Ministério da Justiça e Segurança Pública, permite que as pessoas denunciem de forma online casos de violência ou discriminação.
- **Em Sergipe:** Delegacia de Atendimento a Crimes Homofóbicos, Racismo e Intolerância Religiosa (DACHRI) Rua Itabaiana, 258 - bairro Centro, Aracaju/SE. Tel. (79) 3205-9400.

# 14. Relatório para registro de ocorrências de preconceito na escola

## RELATÓRIO PARA REGISTRO DE OCORRÊNCIAS DE PRECONCEITO NA ESCOLA

### Descrição:

Este relatório tem como finalidade registrar ocorrências de preconceito e discriminação na escola. O documento serve como uma ferramenta de monitoramento dos preconceitos e pode ser atualizado conforme as medidas e as ações adotadas pela escola após essas ocorrências. O preenchimento deste relatório é importante para a construção de um panorama a respeito desses conflitos e pode ajudar a planejar estratégias para combater os preconceitos e promover uma cultura de respeito nas escolas.

### DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE FOI VÍTIMA DE PRECONCEITO:

Nome: \_\_\_\_\_  
Turma/Série: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Gênero: \_\_\_\_\_ Cor da pele: \_\_\_\_\_  
Responsável: \_\_\_\_\_

### DADOS DO(A) ESTUDANTE QUE PRATICOU O PRECONCEITO:

Nome: \_\_\_\_\_  
Turma/Série: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_  
Gênero: \_\_\_\_\_ Cor da pele: \_\_\_\_\_  
Responsável: \_\_\_\_\_

### INFORMAÇÕES GERAIS DO OCORRIDO:

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_  
Local do ocorrido: \_\_\_\_\_  
Tipo de violência: \_\_\_\_\_

**DESCREVA ABAIXO A OCORRÊNCIA DA SITUAÇÃO** (O que aconteceu? Como aconteceu? Quando aconteceu? Desde quando acontece? Com qual frequência? Quem são os envolvidos?):

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**DESCREVA AS AÇÕES IMEDIATAS TOMADAS PELA ESCOLA** (Por exemplo: o que a escola fez após receber a denúncia? Houve encaminhamento para alguma outra instituição? Se sim, qual?)

---

---

---

---

**DESCREVA AS AÇÕES FUTURAS ADOTADAS PARA O ACOMPANHAMENTO DO CASO:**

---

---

---

---

**OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:**

---

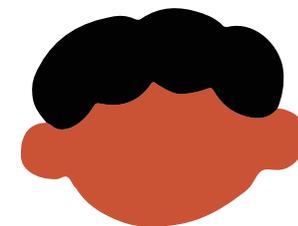
---

---

Carimbo da Instituição:

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Redator(a)

# 15. Referências



**Fotografia da capa:** Marcelo Camargo. Agência Brasil. Uso permitido mediante citação da fonte.

## Referências do texto:

1. Araújo, M.C.M, & Gomes, J. L. O. (2024). O papel da escola no combate ao racismo estrutural. *Conexão ComCiência*, 1(4).
2. Lima, Marcus Eugênio Oliveira; Vala, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia* (Natal), v. 9, p. 401-411, 2004.
3. Pacheco, T. (2011). Justiça ambiental e racismo. Rede Brasileira de Justiça Ambiental. Disponível na World Wide Web:< <http://www.justicaambiental.org.br/UserFiles/17/File/Justicaambientaleracismo.pdf>.
4. Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. Aversive racism in selection decisions: 1989 and 1999. *Psychological Science*, 2000. 11, 319-323.
5. Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. São Paulo: Blucher Open Access, 142p.
6. Medeiros, M.F. (2019). Práticas Pedagógicas E Relações Étnico-raciais: uma análise da construção da identidade negra da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de João Pessoa. - João Pessoa, 2019. 270 f.
7. Moreira-Primo, U. S., & França, D. X. Experiências de racismo em crianças: o que acontece no cotidiano escolar? *Revista UNIABEU*, v. 13, n. 33, p. 24-44, 2020.
8. Santos, J. (2021) Intervenção em socialização étnica: efeitos sobre a identidade e autoestima individual e grupal de crianças negras. 2021. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.
9. Carvalho, D.M.S. & França, D. X.. "Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa." *Revista Educação & Formação* 4.3 (2019): 148-168.
10. Gomes, N. L. (2002). Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*. n. 21. 2002.

11. Nascimento Lopes, L. G. (2022). Panorama da distorção idade-série no município de Vitória. In *Open science research viii* (Vol. 8, pp. 627-635). Editora Científica Digital
  12. Moreira-Primo, U. S., & França, D. X. Socialização étnico-racial parental: contribuições para o bem-estar e desenvolvimento de crianças e jovens. *Psicologia Argumento*, 42(116), 2024. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.42.116.AO15>
  13. Alves, M.M. (2017). Lei 10.639/03, formação docente e NEABs: a democratização. ..*Cadernos do Aplicação | Porto Alegre | jan.-dez. 2017 | v. 30 | p. 33-47*
  14. Araújo, E. S. & Araújo, D. C. (2022). O alfabetismo da diáspora: reflexões, propostas, referências para o debate étnico-racial na educação. *Encontrografia*, Rio de Janeiro, 2022.
  15. Santos, J; França, D. X; Moreira-Primo, U. S. (2020). Socialização Étnica de Professores. In Lima, M. E. O; França, D. X; Freitag, R. M. K. (Orgs.) *Processos Psicossociais de Exclusão Social*. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo.
  16. Rodrigues, R. M. M. Educação das relações étnico-raciais e gestão escolar. *Cadernos ANPAE*, Goiânia, v. 1, p. 1-13, 2011.
  17. Araújo, H. D. L. M. R., & Clemente, B. C. (2019). A escola de todas as cores: o papel do gestor escolar no combate ao racismo. *Revista Exitus*, 9(2), 263-291.
  18. Conselho Federal de Psicologia. (2019). Referências técnicas para atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica. <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-na-educacao-basica/>
  19. Veronese, L. A. A., & Machado, A. M. (2022). O pensamento institucionalista e a psicologia escolar: desassossegando as lógicas do cotidiano. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26, 1-8. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392022225808>
  20. Nunes, A. C. A.; Tosta, M. C. F.; Farias, J. C.S.; Silva, P. A.; Silva, J. C. (2024). Relato de experiência: contribuições da psicologia escolar frente à diversidade étnico-racial e cultural. *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 14, p. 1-15, e41295, 2024. ISSN 2237-9444. DOI: <https://doi.org/10.41295/2237-9444.2024.v14.41295>.
  21. Silva, Erica Bastos da; Silva, Núbia Lúcia Novais Borges da; Silva, Patrícia de Jesus. Protagonistas negros na literatura infantil brasileira: breve histórico e perspectivas contemporâneas. *Revista Humanidades e Inovação* v.7, n.22 - 2020.
- Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. Racismo, educação infantil e desenvolvimento na primeira infância [livro eletrônico] / Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância. – São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, 2021.



Observatório  
Permanente dos  
Preconceitos em  
Escolas de  
Sergipe

SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO



**SERGIPE**  
GOVERNO DO ESTADO



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE  
SERGIPE



Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe